

O mundo da horticultura Ka'apor: práticas, representações e as suas transformações

The world of Ka'apor horticulture: practices, representations and their transformations

Claudia Leonor López Garcés

Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI. Belém, Pará, Brasil

Resumo: Com base em pesquisas etnográficas efetuadas nos últimos anos entre os indígenas Ka'apor das aldeias Xiepihu-rena e Paracui-rena, na Terra Indígena Alto Turiáçu, localizada na Amazônia maranhense (Brasil), o artigo aborda o mundo das representações e práticas hortícolas Ka'apor, considerando aspectos das narrativas orais que contextualizam estes conhecimentos dentro da cosmovisão indígena, as características da horticultura na atualidade em termos da diversidade dos cultivos, assim como as mudanças na organização do trabalho hortícola na conjuntura atual, caracterizada pelos conflitos gerados pela exploração ilegal de madeira na Terra Indígena Alto Turiáçu e a influência das políticas públicas.

Palavras-chave: Horticultura indígena. Conhecimentos tradicionais. Povo indígena Ka'apor. Amazônia maranhense. Brasil.

Abstract: This article is based on ethnographic research conducted in recent years among the indigenous Ka'apor of the Xiepihu-rena and Paracui-rena villages in the Alto Turiáçu indigenous reserve, located in the Brazilian Amazonian state Maranhão. The article relates to the world of representations and horticultural practices of the Ka'apor, discussing aspects of oral narratives that contextualize this knowledge within the indigenous world view. It furthermore elaborates on present-day horticultural characteristics in terms of crop diversity, as well as changes in the current organization of horticultural work, due to public policies and the conflicts generated by illegal timber exploitation in the Alto Turiáçu indigenous reserve.

Keywords: Indian horticulture. Traditional knowledge. Ka'apor indigenous people. Amazon region of Maranhão. Brazil.

LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor. O mundo da horticultura Ka'apor: práticas, representações e as suas transformações. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 133-158, jan.-abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222016000100008>.

Autor para correspondência: Claudia Leonor López Garcés. Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI. Tv. Mariz e Barros, 2665, apto 603. Belém, PA, Brasil. CEP: 66093-090 (clapez@museu-goeldi.br).

Recebido em 19/12/2014

Aprovado em 28/03/2016



INTRODUÇÃO

Para o povo Ka'apor que habita a Terra Indígena (TI) Alto Turiaçu, localizada na Amazônia maranhense (Brasil), a horticultura constitui uma das práticas culturais mais destacadas no seu cotidiano. Além de ser uma das principais atividades de reprodução material, da qual esse povo obtém grande parte dos alimentos de origem vegetal, a horticultura é permeada por representações baseadas em aspectos cosmológicos que remetem aos tempos míticos, quando foram criados os ancestrais, estabeleceram-se os princípios da ordem social e das relações entre seres humanos e não humanos que convivem no mundo, tal como concebido pelos Ka'apor.

Nas atuais práticas hortícolas dos Ka'apor, observam-se mudanças em termos da diversidade de plantas cultivadas e da organização do trabalho. Estas últimas estão relacionadas com as políticas públicas e com os conflitos interétnicos no contexto da Amazônia maranhense, caracterizados pelos processos de invasão da Terra Indígena Alto Turiaçu por parte de diversos atores não indígenas, principalmente madeireiros vinculados à exploração ilegal de madeiras nobres nesse território. Ditas situações de conflito tornam-se críticas para os povos indígenas em geral, dado que as Terras Indígenas e as demais áreas protegidas constituem hoje os últimos remanescentes de floresta amazônica no cenário do chamado Arco de Desmatamento da Amazônia Legal brasileira, que se estende desde o sudeste do estado do Maranhão, norte de Tocantins, sul do Pará, parte do Mato Grosso, Rondônia, sul do Amazonas e sudeste do estado do Acre (Ferreira *et al.*, 2005, p. 159).

Mais de duas décadas depois da publicação dos trabalhos de Balée e Gély (1989a) e Balée (1993), faz-se necessário um estudo atual da horticultura Ka'apor, buscando identificar as transformações desta prática cultural por comparação com os trabalhos anteriores efetuados por Ribeiro (1976) e pelos autores já mencionados. Nesse sentido, e a partir de uma perspectiva etnográfica, o presente artigo objetiva fazer uma caracterização contemporânea da horticultura Ka'apor, considerando aspectos das narrativas

orais que contextualizam estes conhecimentos dentro da cosmovisão do grupo, práticas rituais associadas, espaços de cultivo, associações de espécies, assim como as mudanças em termos da diversidade de plantas cultivadas e da organização do trabalho hortícola. Desta maneira, pretende-se avançar em um enfoque de cunho antropológico que mostre as transformações da horticultura Ka'apor nos últimos anos e possibilite a análise desta prática cultural na contemporaneidade.

O ENFOQUE E O MÉTODO

Considerando a distinção efetuada por Gasché (2010) entre os conceitos de “agricultura” e “horticultura”, para definir as práticas de cultivo dos Ka'apor opto pelo conceito de “horticultura”, do latim *hortus* (horta), que, segundo o autor, define o cultivo transitório (máximo de três anos) em solos pobres, baseado na técnica de corte e queima, em meios florestais primários ou secundários, criando pequenas clareiras, as quais, depois do período produtivo, são abandonadas para que o bosque possa se regenerar, conferindo assim fertilidade ao solo, para logo ser novamente aproveitado; esta técnica de cultivo é praticada pela maior parte dos povos indígenas na Amazônia. Em contraposição, como argui o autor, o conceito “agricultura”, vem do latim *ager*, que significa “campo aberto” e define a técnica de cultivo efetuada em campos abertos com solos homogêneos que podem ser aproveitados permanentemente, fazendo rotar as espécies cultivadas, criando monoculturas com manejo de fertilidade constante. Na Amazônia, o conceito de agricultura, segundo o mesmo autor, só pode ser aplicado para se referir aos cultivos praticados nas estreitas franjas de terras médias e baixas das ribeiras aluviais dos grandes rios, que são fertilizadas anualmente pelas crescentes, isto é, nas várzeas.

Em se tratando do povo Ka'apor, para efeitos de análise, considero instigante o enfoque da “antropologia do conhecimento local”, que, segundo Arturo Escobar (1999, p. 292), analisa os diversos sistemas de significados da natureza e as práticas concretas efetuadas pelos povos

indígenas e sociedades locais, perguntando-se pelas representações, distinções e classificações do biológico e as linguagens, incluindo tradições orais, mitos e rituais, em que essas distinções são expressadas, assim como as práticas através das quais são efetuadas essas distinções. Seguindo este autor, busco analisar e compreender a horticultura Ka'apor como uma prática cultural baseada em conhecimentos ancestrais, aspectos simbólicos e rituais, atrelada também às mudanças e às transformações hoje vivenciadas por este povo. Com base nas recomendações de Escobar (1999), busca-se também analisar como a conjuntura atual, caracterizada pelos conflitos em torno da prática de exploração ilegal de madeira e das políticas públicas brasileiras de apoio às famílias mais vulneráveis, está influenciando nas mudanças na horticultura praticada pelos Ka'apor. Por outro lado, recorre-se também a categorias analíticas e metodológicas provenientes da perspectiva etnobotânica, enfoque interdisciplinar que “estuda as interações entre seres humanos e plantas” (Balée, 1993, p. 4), considerando as formas de classificação das plantas e as “atividades-contexto”, isto é, as interações dos Ka'apor com as plantas, tal como proposto por Balée (1993). Desta maneira, a pesquisa abre-se para um enfoque interdisciplinar, uma vez que se aproxima e interage com ferramentas metodológicas tanto da Antropologia, desde o método etnográfico, como da Etnobotânica, recorrendo a inventários de plantas cultivadas nas roças e quintais.

A pesquisa etnográfica foi realizada principalmente na aldeia Xiepihu-rena e, durante um período menos extenso,

na aldeia Paracui-rena, localizadas no sul da Terra Indígena Alto Turiáçu, Maranhão. Trata-se de uma das regiões mais afetadas pela exploração ilegal de madeira desde as décadas de 1980 e 1990, tendo se intensificado no decorrer do século XXI, até o ano 2013, quando os Ka'apor iniciam um movimento etnopolítico que desembocou na expulsão dos invasores e na articulação de um processo organizativo voltado para a defesa do território. Os dados etnográficos foram coletados durante oito temporadas de trabalho de campo, com duração de quinze dias cada, efetuadas entre os anos 2007 a 2012, no contexto de dois projetos de pesquisa¹. Durante os diversos períodos de trabalho de campo foram registradas narrativas orais que contextualizam a horticultura no pensamento e na cosmovisão Ka'apor; efetuaram-se levantamentos das plantas cultivadas em onze roças (*kupixa*) e dezessete quintais (*kura*), por meio de visitas guiadas pelos indígenas, homens e mulheres, nestes espaços de cultivo; realizaram-se entrevistas com homens e mulheres sobre conhecimentos e práticas hortícolas, aspectos cosmológicos e rituais relacionados à horticultura, indagando também sobre as possíveis mudanças nas práticas hortícolas ocasionadas, entre outros fatores, pelo impacto das atividades predatórias ilegais de exploração madeireira por parte de atores externos, além da influência das políticas públicas brasileiras. Também se efetuou registro audiovisual, fotográfico e fílmico durante todo o processo de pesquisa, documentando aspectos importantes da horticultura Ka'apor, tais como narrativas tradicionais, cantigas e aspectos rituais.

¹ O projeto “Conhecimento tradicional Ka'apor sobre o manejo de florestas: repovoamento com espécies de uso tradicional em áreas devastadas da Reserva Indígena Alto Turiáçu – MA” contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil, Edital MCT/MMA/SEAP/SEPIR/CNPq n. 26/2005. Foi solicitada e concedida autorização de acesso a conhecimento tradicional associado à biodiversidade (autorização n. 20, de 2006) do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético/Ministério do Meio Ambiente (CGEN/MMA). O subprojeto “Laboratório de práticas sustentáveis em Terras Indígenas próximas ao Arco do Desmatamento” está ligado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT): “Biodiversidade e uso da terra na Amazônia”, projeto de pesquisa interinstitucional sediado no Museu Paraense Emílio Goeldi, com financiamento do CNPq-Brasil, e conta com a devida autorização de acesso a conhecimento tradicional associado à biodiversidade, n. 054-A/2011, Processo 02000.002716/2009-13 do CGEN/MMA; também com a autorização de ingresso em terras indígenas n. 85/CGEP/10; processo n. 0945/06, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Brasília, Distrito Federal. O trabalho de campo na Terra Indígena Alto Turiáçu também contou com o financiamento do projeto de pesquisa “Gobernanza ambiental en América Latina y el Caribe – ENGOV”, “WPS: construyendo e intercambiando saberes sobre los recursos naturales”, financiado pela União Europeia.

Com base nestas ferramentas metodológicas, optamos por um enfoque de carácter antropológico que possibilite contextualizar a horticultura Ka'apor não só como uma atividade econômica importante para este povo, mas como um aspecto sociocultural permeado por práticas e representações em constante transformação.

O POVO INDÍGENA KA'APOR: CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, são em torno de 1.584 indígenas os que habitam na Terra Indígena Alto Turiacu, Maranhão (Figura 1). A maior parte desta população autoidentifica-se como Ka'apor, povo falante de uma língua

do tronco macrolinguístico Tupi, família Tupi-guaraní. Esta Terra Indígena abarca parte dos municípios de Araguañã, Centro Guilherme, Centro Novo do Maranhão, Maranhãozinho, Nova Olinda do Maranhão, Santa Luzia do Paruá e Zé Doca, território que os Ka'apor compartilham com outros povos indígenas, como os Tembê e Awá-Guajá (língua Tupi) e os Timbira (língua Jê), com os quais convivem em estreita relação, mantendo casamentos interétnicos, compartilhando a cotidianidade nas aldeias, mas também vivenciando situações de conflito (López Garcés *et al.*, 2015).

A Terra Indígena Alto Turiacu foi demarcada em 1978, reconhecida oficialmente em 1982, e conta com uma extensão de 5.304 km². Faz parte de um conjunto

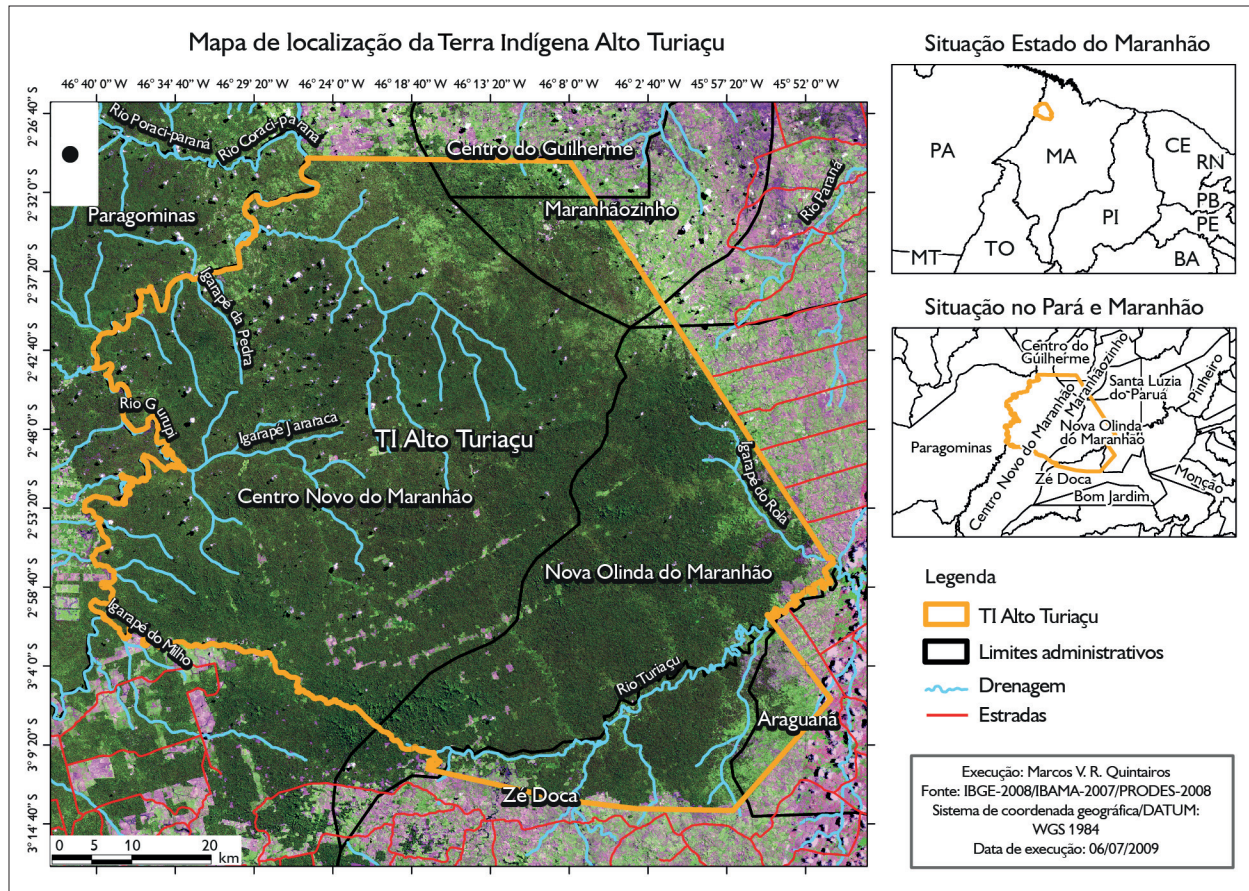


Figura 1. Terra Indígena Alto Turiacu, Maranhão. Mapa elaborado pela equipe técnica do Centro de Sensoriamento Remoto, Museu Paraense Emílio Goeldi.

de terras indígenas contíguas, localizadas no vale do rio Gurupi, que marca a divisa entre os estados brasileiros do Pará e do Maranhão, sendo elas: a Terra Indígena Alto Rio Guamá (Pará), onde habitam os Tembé-Tenetehara; a Terra Indígena Awá (Maranhão), onde vivem os Awa-Guajá; a Terra Indígena Caru (Maranhão), território do povo Guajajara. Este conjunto de terras indígenas e a contígua Reserva Biológica (ReBIO) Gurupi, única unidade de conservação de floresta amazônica de uso indireto do Estado brasileiro, localizam-se na região biogeográfica denominada Centro de Endemismo Belém, considerado o mais ameaçado de toda a Amazônia em termos de perda de biodiversidade (Martins e Oliveira, 2011).

Desde finais do século XIX, esta região é cenário de conflitos interétnicos ocasionados por processos de invasão dos territórios indígenas por parte de atores sociais não indígenas, vinculados à intensificação não controlada de economias extrativas, tais como exploração de minério em pequena escala ou 'garimpo', exploração madeireira e posterior avanço da pecuária. Estes processos de ocupação dos territórios indígenas levaram os Ka'apor a se deslocarem da região do rio Piriá, onde moravam antigamente, para a região do rio Gurupi, por volta de 1873, onde permanecem até hoje (Balée, 1993, p. 35).

Em inícios do século XX, na região dos rios Turiaçu e Gurupi, houve enfrentamentos entre os Ka'apor e a população regional que explorava seringa, óleo de copaíba, madeira, e também com fazendeiros e os construtores das linhas telegráficas. Em 1911, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) instalou o Posto Felipe Camarão, no igarapé Jararaca, a fim de pacificar os então chamados 'índios urubus'. Entre os anos 1927 e 1928, foi instalado o Posto Pedro Dantas, principal centro de operações da chamada "pacificação" dos Ka'apor (Ribeiro, 2006, p. 26-27). Com a "pacificação", chegaram doenças, principalmente uma

epidemia de gripe, que dizimou consideravelmente a população Ka'apor, mas, a partir da década de 1950, quando inicia-se o incremento da população deste povo indígena, percebe-se uma estabilização populacional (Ribeiro, 2006).

As dinâmicas de expansão da fronteira agropecuária e madeireira no Maranhão começam a se consolidar a partir da década de 1960, com a construção da via Belém-Brasília (Moura *et al.*, 2011). A abertura da via BR-222, que conecta a rodovia Belém-Brasília com São Luís, a capital do estado, gerou dinâmicas de avanço sobre as florestas primárias da Amazônia maranhense, promovendo o surgimento de pequenos povoados, hoje convertidos em municípios (Moura *et al.*, 2011). Segundo Almeida *et al.* (2005), nesta mesma década inicia-se também um processo acelerado de desmatamento, associado à produção pecuária para carne de exportação, cultivo de soja, plantações de eucalipto para produção de celulose, exploração madeireira e atividades de mineração.

Na década de 1980, os Ka'apor enfrentaram um processo de intensificação dos conflitos territoriais, quando cerca de 1.300 posseiros e madeireiros invadiram a Terra Indígena Alto Turiaçu, inclusive após sua demarcação e reconhecimento, em 1981, assim como também a Reserva Biológica Gurupi, extraindo grandes quantidades de madeira, especialmente de pau d'arco (*Tabebuia* sp.). Na década de 1990, houve ataques às aldeias indígenas por parte de posseiros e madeireiros e contra-ataques dos Ka'apor aos acampamentos e serrarias estabelecidos ilegalmente dentro da Terra Indígena (Balée, 2005). A luta pela defesa da Terra Indígena Alto Turiaçu permanece na memória dos Ka'apor como um evento histórico de grande impacto na sua vida².

Estes conflitos motivaram deslocamentos da população indígena e a criação de novas aldeias estrategicamente localizadas nos limites da Terra Indígena, visando à vigilância

² Esta temática é abordada no artigo da minha autoria, intitulado "La Lucha es de derecho, no es a garrotazos: conflictos territoriales, usos y significados de los recursos maderables en la tierra indígena Alto Turiaçu – MA (Brasil)" (López Garcés, no prelo).

da mesma. Algumas áreas foram mais afetadas pela extração de madeira, tais como o extremo sul e os arredores das atuais aldeias Xiepihu-rena e Paracui-rena, criadas em 2002 por lideranças Ka'apor, a fim de evitar futuras invasões (Balée, 2005).

As aldeias Xiepihu-rena e Paracui-rena, onde foi efetuada a pesquisa, estão localizadas na região sul da TI Alto Turiaçu, sendo possível chegar a elas após percorrer 157 km, por uma estrada de terra que as comunica com a cidade de Paragominas, Pará, principal centro urbano aonde os Ka'apor se dirigem para o atendimento em saúde na unidade local da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), denominada Casa de Saúde Indígena (CASAI), além também de irem para receber o dinheiro das aposentadorias e bolsas que o governo federal lhes proporciona, comprar roupas e alimentos que complementam sua dieta, baseada na horticultura, na caça e na coleta de frutos da floresta (López Garcés *et al.*, 2015).

No transcurso do século XXI, a TI Alto Turiaçu tem sido novamente alvo das ações predatórias ilegais e violentas por parte de madeireiros não indígenas. Até 2012, estes atores aliciaram lideranças indígenas na exploração ilegal de madeira, por meio da criação de relações de dependência e negociações fraudulentas de troca de madeiras nobres da floresta, por serviços como a manutenção de estradas ou de bens materiais, como veículos (motos e caminhonetes), e construção de casas. Estes processos geraram algumas mudanças no estilo de vida indígena, sendo evidente a maior circulação de recursos monetários, o que redundou no maior acesso a novos objetos de consumo, como bicicletas, motos, eletrodomésticos (televisão, DVD *player*, fogão, geladeira, celulares), roupas e comidas industrializadas.

A atuação ilegal de madeireiros não indígenas na Terra Indígena Alto Turiaçu gerou conflitos internos em nível local e regional. No transcurso de dez anos acompanhando a história local destas aldeias, foram perceptíveis divergências e conflitos entre pessoas que aceitaram o envolvimento da comunidade nas atividades de exploração ilegal madeireira

e entre aqueles que se opunham a estas práticas, com base em critérios de defesa do território indígena e dos recursos que ali se encontram. Percebem-se também mudanças na representação política, pois as mulheres começaram a assumir cargos de liderança política em reconhecimento do seu compromisso na defesa do território e dos recursos da floresta.

Hoje, a maior parte das 21 aldeias da Terra Indígena Alto Turiaçu encontra-se espalhada no contorno limítrofe do território. Nos últimos anos, devido a constantes invasões e ataques violentos por parte dos madeireiros, novas aldeias foram criadas, seguindo o mesmo padrão de localização estratégica, desta vez na região denominada Gurupi-una, visando a vigilância da área. Cabe destacar que a criação de novas aldeias vai acompanhada da abertura de novas roças e, nesse sentido, a horticultura Ka'apor é parte fundamental nos processos de apropriação e defesa do território, tendo, assim, um importante papel político.

A partir do ano 2013, o povo indígena Ka'apor tomou a decisão de expulsar os madeireiros da Terra Indígena Alto Turiaçu, retomando de maneira unificada a defesa do território e de seus recursos. Esta decisão gerou respostas violentas de parte dos madeireiros não indígenas, empreendendo ataques a diversas aldeias, queimando casas, cultivos, tocando fogo na floresta, espancando pessoas e assassinando lideranças. Após o assassinato de Eusébio Ka'apor, em abril de 2015, o último ataque violento, em dezembro de 2015, foi perpetrado na aldeia Turizinho, criada por famílias oriundas da aldeia Xie e próxima desta.

A HORTICULTURA NA VISÃO DE MUNDO KA'APOR

Na sua língua do tronco Tupi, a palavra "Ka'apor" pode ser traduzida como "gente que mora na mata" (Ribeiro, 1976; Balée, 1993). O etnônimo com que se identifica este povo indígena reflete uma profunda relação com seu hábitat de floresta amazônica, principalmente com os ambientes de terra firme onde os Ka'apor preferem

construir suas aldeias e fazer suas roças. Esta estreita relação dos Ka'apor com o meio ambiente amazônico se expressa também nos nomes das pessoas, geralmente relacionados com plantas e animais, e no conhecimento e manejo do tempo, baseado nas percepções sobre os ciclos de floração e frutificação das espécies vegetais e da abundância de espécies animais.

Além de ser seu principal meio de subsistência, a floresta é também o espaço do pensamento e da história do povo indígena Ka'apor, expressos em narrativas orais que remetem à origem deste povo e dos seus principais aspectos socioculturais. Estas retóricas discursivas narram os acontecimentos mito-históricos dos ancestrais, nos tempos cosmológicos em que seres humanos, plantas e animais partilhavam uma mesma linguagem e uma mesma cultura, característica que, segundo Viveiros de Castro (2002), é própria do pensamento ameríndio (López Garcés, 2011).

Para compreender como os Ka'apor posicionam seus conhecimentos e práticas hortícolas no seu pensamento e estilo de vida, é necessário nos aproximarmos do mundo das suas narrativas e encenações que expressam o pensamento indígena sobre origem e os princípios que ordenam o mundo, quer dizer, da sua cosmovisão. Estas narrativas são contadas por velhos e jovens com extremo detalhe, mostrando sempre enorme prazer na narração destas histórias. Entre as várias versões destas narrativas recompiladas no transcurso do trabalho de campo, tenho selecionado os principais trechos que contextualizam a horticultura na cosmovisão Ka'apor:

Quando Mair surgiu, saíram outras duas pessoas com ele. Mair surgiu do pau-brasil. O avô dos Ka'apor se chamava Troto, ele saiu do pau-d'arco (ipê). O avô dos Urubu-Rei era de nome Kapiõ, ele surgiu do jatobá.

Outro homem tinha por nome Uruwatã, ele saiu do pé de anawyra (árvore da beira do igarapé), com a sua mulher. Eles comiam bem. Quando saiu Uruwatã já tinha mandioca, tinha banana, tinha batata, todas as frutas ele tinha.

Passados dois dias, Mair, Troto e Kapiõ foram visitar Uruwatã na sua casa. Quando chegaram lá, Uruwatã fez chibé para eles. Mair, Troto e Kapiõ estavam com a barriga cheia. Eles foram vomitar no mato e voltaram onde [estava] Uruwatã. A esposa de Uruwatã foi espiar aonde eles estavam vomitando.

– Por que que eles estão vomitando? – perguntou a esposa de Uruwatã.

(...) Mair falou que eles não tinham cu para fazer cocô, por isso eles vomitavam. Eles comiam e botavam tudo pela boca.

Uruwatã falou para eles: - amanhã, cedinho, vocês vêm de novo.

No dia seguinte os irmãos foram de novo. Uruwatã fez chibé de banana para eles. Os irmãos ficaram de barriga cheia.

Foi Troto quem primeiro encheu a barriga.

– Embora para cá, se abaixa – diz Uruatã a Troto.

Troto se abaixou. Uruwatã apontou um galho de urucum. Uruwatã furou a bunda de Troto, e furou também a bunda da mulher de Troto. Logo furou também a bunda de Kapiõ. Mair não gritou quando furaram a bunda dele. Uruwatã acabou de furar a bunda deles.

Troto ficou com vontade de fazer cocô e foi na capoeira e fez cocô. Depois foi o outro irmão. Depois foi Mair.

Mair falou para Uruwatã que eles não tinham mandioca. Uruwatã falou que lá na casa deles iam ter tudo.

Mair e seus irmãos voltaram para sua casa. Eles acharam uma roça lá. Olharam uma roça grande, cheia de mandioca. Mair ficou muito alegre quando viu a roça cheia de mandioca (texto e tradução de Geraldo Ka'apor, baseado em narrativa oral de Jupará Ka'apor) (López Garcés, 2011, p. 19-20).

O pensamento indígena expresso na narrativa mostra que os ancestrais dos Ka'apor estão associados às árvores da floresta: Mair ao pau-brasil; Troto, o avô dos Ka'apor, ao pau-d'arco ou ipê, espécie que abunda no território Ka'apor e uma das mais cobiçadas pelos madeireiros; Kapiõ ao jatobá.

A narrativa situa a origem da horticultura em uma ordem social diferenciada daquela dos ancestrais dos



Ka'apor. Foi Uruwatã quem facilitou os produtos da roça (mandioca, banana, batata, frutas) aos três irmãos. Ter acesso a esses produtos por meio da ingestão de alimentos, especificamente de chibé, bebida tradicional que resulta da mistura de farinha de mandioca, água e, às vezes, frutas, é um ato que humaniza os ancestrais dos Ka'apor. Na narrativa, Mair, Troto e Kapiõ se diferenciavam de Uruwatã pelo fato de não terem ânus, sendo necessário vomitar depois de consumir os alimentos. Foi Uruwatã quem “furou a bunda” dos ancestrais dos Ka'apor e estes adquirem a capacidade de defecar. Mair chama atenção para o fato de eles não possuírem produtos da roça, principalmente mandioca. Uruwatã confirma que iam ter esses produtos. Ao retornarem a seu lugar de vida, os ancestrais dos Ka'apor encontram uma roça de mandioca. Nessa ordem de ideias, no pensamento Ka'apor, é possível situar a horticultura como um fato que os torna verdadeiramente humanos, permitindo-lhes obter plantas comestíveis e instituindo o hábito de comer e defecar que, antes do contato com a horticultura, não tinham.

No pensamento Ka'apor, como acontece também entre outros povos indígenas amazônicos (Robert *et al.*, 2012; Zent e Zent, 2012), a existência de plantas, inclusive as catalogadas como silvestres, está associada à agência de figuras míticas. Encontramos estas representações em outros trechos das narrativas:

Mair andava muito, gostava de tocar fogo na terra. Só queria pessoa que obedecia ele. A gente se matava, brigava, comia a filha. Aí Mair tocava fogo de novo. Quando ele toca fogo no mundo, fica só terreirão assim, não tem árvores. Só ele que existe, porque acabou com tudo, com a gente que estava encima da terra, acabou com tudo. Mair ficou andando sozinho e plantando semente de novo, de ipê, titiba, tawari, tudinho árvore (Valdemar Ka'apor).

Quando Mair existia aqui neste mundo, ele vivia queimando a terra. Ele plantou as sementes de todas as árvores da floresta, assim como nós plantamos nossos produtos na roça (Mariuza Ka'apor) (López Garcés, 2011, p. 24).

Lembremos que os ancestrais dos Ka'apor estão associados a árvores da floresta, isto é, espécies florestais não cultivadas pelos indígenas, o que revela a distinção, já assinalada por Balée (1989b, 1993), que os Ka'apor efetuam entre plantas cultivadas e não cultivadas. Esta distinção entre árvores da floresta plantadas por Mair e produtos da roça plantados pelos Ka'apor estabelece uma ordem nas representações relacionadas com a classificação de plantas cultivadas e não cultivadas e sobre as práticas de cultivo. De acordo com seu ponto de vista, os Ka'apor só plantam espécies usadas na alimentação, na pesca, na elaboração da sua cultura material e algumas plantas medicinais, enquanto que as árvores da floresta são plantadas por Mair.

A vigência destas representações se fez evidente no âmbito de um projeto de pesquisa desenvolvido com participação dos Ka'apor, no qual um dos objetivos previa a instalação de um viveiro para produção de mudas de espécies florestais nativas para recomposição de áreas próximas às aldeias que tinham sido desflorestadas pelos fazendeiros e madeireiros, quando invadiram a TI Alto Turiaçu nos anos oitenta. Uma vez produzidas as mudas e chegado o momento de plantar, foi evidente a sua preferência por plantar espécies como o cupuaçu e a pupunha nos seus quintais, pelo fato de serem aquelas que iriam proporcionar alimentos; enquanto espécies como ipê, cumaru, jatobá não foram consideradas importantes para serem plantadas, em razão de serem árvores da floresta: “é o Mair quem planta”.

Segundo os estudos da nomenclatura da etnobotânica Ka'apor efetuados por William Balée, não existe uma palavra na língua dos Ka'apor que abarque todo o universo das plantas (Balée, 1989b), mas o autor reporta três formas de classificação botânica deste povo indígena, baseadas em características morfológicas: *mira* (árvores), *sipo* (cipós) e *ka'a* (ervas) (Balée, 1989b, 1993). Ele afirma que os Ka'apor usam estes termos para se referirem a plantas não domesticadas, mas esta classificação morfológica não é aplicada às tradicionais

plantas domesticadas. A estrutura dos nomes compostos das plantas cultivadas é diferente da estrutura dos nomes aplicados a outras plantas. Agrega ademais que nomes para plantas não domesticadas podem ser usados por analogia com plantas domesticadas, mas não ocorre o contrário. Com base nestas considerações que, segundo o autor, também podem ser aplicadas a outras línguas da família Tupi-guarani, Balée (1989b) conclui que a horticultura afetou os sistemas de nomenclatura para plantas em Ka'apor e em outras línguas Tupi, em formas padronizadas altamente regulares.

Estas breves considerações contribuem para contextualizar a horticultura como um aspecto sociocultural que ocupa um lugar importante no pensamento e no estilo de vida do povo indígena Ka'apor. Estas representações simbólicas situam a horticultura como um aspecto que humaniza o povo Ka'apor. A importância da horticultura para os Ka'apor reflete-se também na distinção entre plantas cultivadas e não cultivadas, expressas nas classificações linguísticas deste povo.

A HORTICULTURA KA'APOR HOJE

Mais do que uma 'atividade de subsistência', a horticultura dos Ka'apor é um importante aspecto cultural que envolve interações entre seres humanos, plantas, animais e seres espirituais, sendo também um mundo permeado por práticas rituais e valores éticos e estéticos, conformando um complexo de interações entre seres humanos e não humanos, expresso tanto nas suas práticas cotidianas como no pensamento indígena.

Como já foi assinalado por Balée e Gély (1989a), a horticultura de corte e queima praticada pelos Ka'apor não é uma técnica de subsistência isolada da caça e/ou de coleta de produtos não domesticados na floresta. Segundo estes autores, a horticultura Ka'apor

contextualiza-se dentro do marco geral do manejo florestal no qual os indígenas manipulam populações de plantas domesticadas e semidomesticadas e de animais, produzindo diferentes zonas vegetacionais e ecótonos. Estes "habitats culturais" e aqueles que não são afetados pelas atividades humanas exibem diferentes configurações de recursos que são aproveitados segundo diversos propósitos humanos (Balée e Gély, 1989a, p. 130).

Segundo os mesmos autores, os Ka'apor distinguem seis principais zonas vegetacionais de acordo com a idade, grau de manipulação, espécies indicadoras, estrutura e pelas principais atividades humanas que acontecem nestas zonas, sendo elas: a) os hortos das casas ou quintais (*kar*)³; b) as roças novas (*kupiša*), campos de cultivo até com dois anos depois da queima; c) as roças velhas (*taperer*), campos de cultivo de dois a quarenta anos depois da primeira queima; d) capoeira (*taper*), antigos espaços de ocupação, de quarenta a cem anos de idade; e) floresta madura (*ka'a-te*); f) floresta alagada (*iapo*). Para efeitos de análise, vou me concentrar nas roças novas (*kupixa*)⁴ e quintais (*kura*), principais espaços onde os Ka'apor praticam a horticultura e nos quais foram efetuados os inventários de plantas cultivadas no transcurso da pesquisa.

Como acontece na maior parte dos grupos humanos, as práticas hortícolas dos Ka'apor estão relacionadas com o ciclo estacional da região amazônica onde moram. Nos estudos efetuados nos anos cinquenta entre os então chamados "índios Urubus", Ribeiro (1976) menciona quatro períodos importantes no ciclo estacional que influenciam nas suas "atividades de subsistência", assim por ele chamadas: um período de 'chuvas', que vai de fevereiro a maio, época em que os Ka'apor permanecem mais tempo em casa; um período de 'enchentes', que começa em maio e vai até

³ Nas minhas pesquisas etnográficas, encontrei que a palavra na língua Ka'apor para horto caseiro ou quintal é *kura*, expressão que será usada neste texto.

⁴ Neste artigo, opta-se pela ortografia comumente usada na aldeia Xiepihu-rena. Para esclarecimentos sobre o uso atual da ortografia na língua Ka'apor, ver artigo de Nogueira e Santos (2011).

agosto e no qual, devido às inundações, muitas vezes os indígenas 'ficam ilhados' nas suas aldeias; um período de estiagem ou 'vazante', que se prolonga até novembro; e um período de 'seca', época em que igarapés e rios vão secando, provocando escassez de água nas aldeias.

Na atualidade, percebem-se algumas mudanças que podem ser relacionadas com as recentes alterações climáticas em nível planetário. O período de chuvas (*amã ar*) inicia em dezembro e janeiro e se estende até o mês de maio, época em que também acontecem as enchentes, quando as águas dos rios e igarapés da Terra Indígena Alto Turiaçu aumentam seu caudal, provocando inundações e, como já assinalou Ribeiro (1976), deixando "ilhados" os moradores nas suas aldeias; no mês de junho, com o começo do verão (*warahy ar*), as águas começam a vazar, até que nos meses de agosto e setembro os pequenos igarapés secam completamente. Esta é a época de abrir as novas roças, processo que implica escolher o terreno, limpar a vegetação mais grossa (*ka'a wyro*), derrubar as árvores (*myra mono*), deixar secar as árvores cortadas e logo tocar fogo (*kupixa hapu*) na clareira aberta. São aguardadas as primeiras chuvas de dezembro e janeiro para serem feitas as plantações (*jyty*) nos novos campos de cultivo (*kupixa*).

Cada família nuclear, isto é um casal com seus filhos, possui um quintal na parte posterior da sua casa e abre uma roça nova (*kupixa*), geralmente a cada ano, de um tamanho que varia entre 0,5 a 2,5 hectares, segundo os estudos de Balée (1993), podendo também ser reutilizadas as capoeiras de antigas roças (*taperer*). Em contadas ocasiões, são abertas roças de maior tamanho, as quais são trabalhadas por famílias extensas (um casal de meia idade e as famílias nucleares das suas filhas e/ou filhos casados), que se reúnem para abrir e cuidar de uma roça grande, mas que não excede os cinco hectares. Nos últimos anos, foram criadas 'roças comunitárias', a cargo de associações de pessoas que têm interesses comuns, como é o caso das mulheres artesãs da aldeia Xiepihũ-rena.

A pesquisa etnográfica e os levantamentos efetuados em onze roças (*kupixa*) e dezessete quintais (*kura*) na aldeia Xiepihũ-rena possibilitam uma aproximação com o mundo dos saberes e as práticas hortícolas contemporâneas dos Ka'apor. Os inventários de plantas cultivadas efetuados correspondem ao total dos quintais das residências na aldeia Xiepihũ-rena: três roças trabalhadas por famílias extensas e oito roças por famílias nucleares.

Os resultados mostram que as roças (*kupixa*), localizadas no entorno das aldeias, são espaços destinados às principais culturas, caracterizadas pelo cultivo em maior escala e reconhecimento de diversas variedades. Da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), uma das mais importantes fontes de alimento dos povos amazônicos, os Ka'apor distinguem três principais variedades: a mandioca (*maniok*), usada na elaboração de farinha depois de lhe extrair o suco tóxico; a macaxeira (*makaser*), usada para comer cozida ou frita, já que contém pouquíssimas quantidades de substâncias tóxicas; e a *mani aka*, variedade com grande conteúdo de açúcar, usada para fazer uma bebida ritual não fermentada (*manjucaba*), adotada na festa da menarca das jovens Ka'apor. Também cultivam banana (*Musa paradisiaca* L.), batata doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), cará ou inhame (*Dioscorea* spp.), milho (*Zea mays* L.), abóbora (*Cucurbita* spp.), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai), abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr.) e arroz (*Oryza sativa* L.), cujo cultivo foi incentivado pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em tempos do contato oficial. Estas espécies, em sua totalidade de uso na alimentação, são plantadas principalmente nas roças (*kupixa*), podendo haver ocasionalmente algumas delas nos quintais das casas (*kura*), no entanto, não em considerável quantidade, como se costuma plantar nas roças. Ainda que em menor proporção, também são cultivadas outras plantas alimentícias, como feijão (fava), quiabo, gergelim, curauá (usado na elaboração de cultura material – arte plumária, utensílios domésticos) e três espécies de plantas ictiotóxicas usadas para pescar.

Com base em diversos estudos sobre horticultura indígena na Amazônia, Gasché (2002) estabelece uma tipologia dos chamados “policultivos” ou “cultivos mistos”, isto é, “roças onde pelo menos três diferentes culturas aparecem misturadas”. Com base nas pesquisas de Balée e Gély (1989a *apud* Solarte, 1991), Gasché considera que as roças Ka’apor correspondem ao subtipo “policultivo em grupos biespecíficos”:

As roças dos Ka’apor (subtipo policultivo em grupos biespecíficos) contêm 8 grupos com associações biespecíficas, mas também incluem quatro grupos mono-específicos (entre eles a mandioca que cobre aproximadamente a metade da roça) e um [grupo] misturado com três espécies (Gasché, 2002, p. 342, minha tradução).

Com efeito, minhas observações em campo confirmam a predominância da mandioca como principal cultivo mono-específico, sendo ela o principal acompanhante dos policultivos biespecíficos predominantes, em associações mandioca-batata, mandioca-milho, mandioca-algodão. Também foi encontrada uma associação tri-específica mandioca-milho-arroz. Nas suas práticas hortícolas, os Ka’apor espacializam as variedades desta espécie, estabelecendo campos diferenciados de mandiocas (de maior toxicidade) e macaxeiras (pouquíssimo conteúdo de substâncias tóxicas). A Tabela 1 mostra o inventário das principais plantas cultivadas nas roças (*kupixa*), segundo o conhecimento tradicional Ka’apor.

Os levantamentos em campo reportaram à predominância de outras espécies, como banana, batata-doce, inhame, abóbora, milho, sendo plantadas em maior proporção e das quais os Ka’apor distinguem maior número de variedades. Estas classificações varietais correspondem a distinções por cor, forma, tamanho, lugar de origem, além da classificação ‘verdadeiro’ e ‘falso’, assinalada com os sufixos (-te) e (-rã), respectivamente, frequente nas línguas Tupi.

Foi constatado o cultivo de algumas espécies tanto nas roças quanto nos quintais, todavia não na mesma quantidade, como acontece com as espécies

predominantes cultivadas exclusivamente nas roças. Trata-se de algumas plantas frutíferas, como abacaxi (*nana*) e mamão (*mamã*), das plantas usadas na elaboração de cultura material e do artesanato que são comercializados nos mercados locais, principalmente curauá (*kirawa*), *Canna indica* L. (*awai*), algodão (*manaju*) e cabaça (*kawasu*), e de uma espécie ictiotóxica usada nas atividades de pesca (*kanami*). Pela presença destas plantas nos dois principais espaços de cultivo, poder-se-ia inferir a importância delas na vida dos Ka’apor.

Já nos quintais (*kura*), como mostra a Tabela 2, as principais plantas cultivadas são as espécies frutais, as plantas utilizadas na elaboração de cultura material, as usadas como condimentos na alimentação, espécies medicinais e uma ictiotóxica. Entre as espécies frutais, destaca-se o caju (*akaju*), fruto de grande importância ritual para os Ka’apor, pois com ela preparam o *kawī*, bebida fermentada utilizada em ocasião do principal ciclo cerimonial deste povo indígena no qual se comemora a nomeação das crianças, a menarca das moças, os casamentos e a posse dos novos caciques. Outras frutíferas cultivadas nos quintais são o cupuaçu (*kupi hu*), coco (*kuk*), abacaxi (*nana*), manga (*mã*), graviola, goiaba (*guajaba*), diversas espécies de ingá, jambo, mamão, banana, abacate, acerola, pitanga, pupunha e cítricos como limão, laranja e tangerina. Também se cultivam nos quintais as plantas usadas na elaboração de cultura material: curauá (*kirawa*), cuia (*kui*), algodão (*manaju*), lágrima-de-nossa-senhora ou santa-maria (*puirisa*), sementes de *Canna indica* (*awair*) e tucumã (*tukum*).

Nos quintais também se cultivam diversas variedades de pimenta (*Capsicum baccatum* L.) e outras plantas usadas como condimentos das comidas, tais como chicória, coentro, alfavaca e cebolinha; plantas medicinais, como capim-limão e gengibre, e as duas espécies usadas na pintura facial e corporal: urucum (*uruku*) e jenipapo (*jenipa*). Outras plantas cultivadas na maior parte dos quintais são espécies ictiotóxicas usadas para pescar nos igarapés, principalmente a denominada *kanami*.

Tabela 1. Plantas cultivadas pelos Ka'apor nas roças novas (*kupixa*).

(Continua)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Presente nas roças novas/ <i>kupixa</i> /	Ocasional nos quintais/ <i>kura</i> /	Atividades/ contexto
Anacardiaceae						
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	<i>Akaju</i>		x	x	Alimentação/ bebida ritual
Asteraceae						
<i>Clibadium sylvestre</i> (Aubl.) Baill.	Cunambi	<i>Kanamĩ</i>		x	x	Pesca
Bromeliaceae						
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	<i>Nana</i>	<i>Tikir</i>	x	x	Alimentação
			<i>Hu</i>	x	x	Alimentação
<i>Ananas lucidus</i> Mill.	Curauá	Kirawa	Howi	x	x	Cultura material
			<i>Pitang</i>	x	x	Cultura material
Cannaceae						
<i>Canna indica</i> L.		<i>Awai</i>		x	x	Cultura material
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	<i>Mãmã</i>	Mamão	x	x	Alimentação
			Mamãozinho-do-mato		x	Alimentação
Convolvulaceae						
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce	<i>Jytyk</i>	<i>Tawa</i>	x		Alimentação
			<i>Maru</i>	x		Alimentação
			<i>Pirã</i>	x		Alimentação
			<i>Pihũ</i>	x		Alimentação
			<i>Tuir</i>	x		Alimentação
Cucurbitaceae						
<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	<i>Jurumu</i>	<i>Pua</i>	x	x	Alimentação
			<i>Puku</i>	x		Alimentação
			<i>Pé</i>	x		Alimentação
			<i>Tuir</i>	x		Alimentação
			<i>Tawa</i>	x		Alimentação
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	<i>Waraxi</i>	<i>Tuir</i>	x	x	Alimentação
			<i>Jawar</i>	x		Alimentação
			<i>Pirã</i>	x		Alimentação
			<i>Howi</i>	x		Alimentação



Tabela 1.

(Continua)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Presente nas roças novas/ <i>kupixa</i> /	Ocasional nos quintais/ <i>kura</i> /	Atividades/ contexto
<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	Cabaça	<i>Kwasu</i>		x	x	Cultura material
Dioscoreaceae						
<i>Dioscorea</i> spp.	Inhame	<i>Kara</i>	<i>Hu</i>	x		Alimentação
			<i>Pihū</i>	x		Alimentação
			<i>Pê</i>	x		Alimentação
			<i>Puku</i>	x		Alimentação
			<i>Mamã</i>	x		Alimentação
			<i>Tua</i>	x		Alimentação
Euphorbiaceae						
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Mandioca	<i>Maniok</i>	<i>Taxi</i>	x		Alimentação
			<i>Curuçá</i>	x	x	Alimentação
			Mani pihu	x		Alimentação
			<i>Tawa</i>	x		Alimentação
			<i>Tuir</i>	x		Alimentação
			<i>Kuru</i>	x		Alimentação
			<i>Pihum</i>	x		Alimentação
			<i>Taxi tawir</i>	x		Alimentação
			<i>Otawir</i>	x		Alimentação
			<i>Inaja</i>	x		Alimentação
			<i>Tekui</i>	x		Alimentação
			Olho-verde	x		Alimentação
			Chapéu-de-sol	x		Alimentação
	<i>Picuí</i>	x		Alimentação		
	Macaxeira	<i>Makaser</i>	<i>Tawa</i>	x		Alimentação
<i>Tuir</i>			x		Alimentação	
mandiocaba	<i>Mani aka</i>		x		Alimentação/ bebida ritual	
Fabaceae						
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	<i>Kamana</i>		x		Alimentação
<i>Deguelia amazonica</i> Killip.	Timbó	<i>Ximo-i</i>	<i>Ximo-i</i>	x	x	Pesca
<i>Deguelia utilis</i> (A.C. Sm.) A.M.G. Azevedo	Timbó	<i>Kururu-timo</i>		x		Pesca



Tabela 1.

(Conclusão)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Presente nas roças novas/ <i>kupixa/</i>	Ocasional nos quintais/ <i>kura/</i>	Atividades/ contexto
Malvaceae						
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	<i>Maneju</i>		x	x	Cultura material
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo			x		Alimentação
Musaceae						
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Banana	<i>Pako</i>	<i>Hu</i>	x	x	Alimentação
			<i>Howi</i>			
			<i>Te</i>	x		Alimentação
			<i>Kukui</i>	x		Alimentação
			<i>Katumé</i> (maçã)	x		Alimentação
			<i>Kururu pakó</i>	x		Alimentação
			<i>Tawa</i>	x		Alimentação
			<i>Inaja</i>	x		Alimentação
			<i>Piha</i>	x		Alimentação
			Maçã	x		Alimentação
			<i>Xiri</i>	x		Alimentação
			<i>Wy</i>	x		Alimentação
			<i>Axi pako</i>	x		Alimentação
			<i>Aja pako</i>	x		Alimentação
			Banana anã	x		Alimentação
Banana roxa	x		Alimentação			
Pedaliaceae						
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	<i>Manui</i>		x	x	Alimentação
Poaceae						
<i>Oryza sativa</i> L.	Arroz	<i>Awaxi apo Arrui</i>		x		Alimentação
<i>Zea mays</i> L.	Milho	<i>Awaxi</i>	<i>Tuwir</i>	x		Alimentação
			<i>Howi</i>	x		Alimentação
			<i>Pirang</i>	x		Alimentação
			<i>Tawa</i>	x		Alimentação
			<i>Pui</i>	x		Alimentação
			<i>Tera</i>	x		Alimentação



Tabela 2. Plantas cultivadas pelos Ka'apor nos quintais (*kura*).

(Continua)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Ocasional nas roças novas / <i>kupixa</i> /	Presente nos quintais / <i>kura</i> /	Atividades/ contexto
Anacardiaceae						
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	<i>Akaju</i>	<i>Tawa</i>		x	Alimentação/ bebida ritual
			<i>Hu</i>		x	Alimentação/ bebida ritual
			<i>Pinã</i>		x	Alimentação/ bebida ritual
			<i>Howi</i>		x	Alimentação/ bebida ritual
			<i>Ipihũ</i>		x	Alimentação/ bebida ritual
			<i>Minhã</i>		x	Alimentação/ bebida ritual
			<i>Kaju açu</i> ou caju-do-mato		x	Alimentação/ bebida ritual
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	<i>Mã</i>			x	Alimentação
Annonaceae						
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	<i>Aratikum</i>			x	Alimentação
Alliaceae						
<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Cebolinha				x	Alimentação
Apiaceae						
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro				x	Alimentação
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Chicória	<i>Ka'a pyher</i>			x	Alimentação
Arecaceae						
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucumã	<i>Tucum</i>			x	Cultura material
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Pupunha	<i>Pupuĩ</i>			x	Alimentação
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	<i>Kuk</i>	Coco		x	Alimentação
			Coco-do-mato		x	Alimentação
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	<i>Wasai</i>			x	Alimentação
Asteraceae						
<i>Clibadium sylvestre</i> (Aubl.) Baill.	Cunambi	<i>Kanamĩ</i>		x	x	Pesca
Bignonaceae						
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Pariri	<i>Kamĩ ka'a</i>			x	Medicinal



Tabela 2.

(Continua)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Ocasional nas roças novas / <i>kupixa/</i>	Presente nos quintais / <i>kura/</i>	Atividades/ contexto
<i>Crescentia cujete</i> L.	Cuia	<i>Kuj</i>			x	Cultura material
Bixaceae						
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	<i>Urukū</i>			x	Alimentação/ pintura corporal
Cannaceae						
<i>Canna indica</i> L.		<i>Awai</i>		x	x	Cultura material
Clusiaceae						
<i>Platonia insignis</i> Mart.	Bacuri	<i>Pakuri</i>	Pakuri-do-mato		x	Alimentação
			<i>Pakuri rair</i>		x	Alimentação
Cucurbitaceae						
<i>Luffa aegyptiaca</i> Mill.	Buxa				x	Higiene pessoal
Fabaceae						
<i>Adenantha pavonina</i> L.	Tento-carolina	<i>Puir pirang</i>			x	Cultura material
<i>Deguelia amazonica</i> Killip.	Timbó	Timo-i		x	x	Pesca
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	<i>Tarapai</i>			x	Alimentação
<i>Inga</i> spp.	Ingá	<i>Inga</i>			x	Alimentação
		<i>Inga hu</i>			x	Alimentação
<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	Ingá-xixica	<i>Inga xixi</i>			x	Alimentação
<i>Ormosia</i> sp.	Olho-de-cabra-pequeno	Fruto do mato pequeno			x	Cultura material
<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Ducke	Paricá	<i>Parika</i>			x	Medicinal
Lamiaceae						
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriçao	<i>Arapawa</i>			x	Alimentação
Lauraceae						
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	<i>Apacaxi</i>			x	Alimentação
Malpighiaceae						
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	<i>Iwa pirang</i>			x	Alimentação



Tabela 2.

(Continua)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Ocasional nas roças novas / <i>kupixa</i> /	Presente nos quintais / <i>kura</i> /	Atividades/ contexto
Malvaceae						
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira	<i>Pira pupur namuhar</i>			x	Alimentação
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	<i>Kaka wira</i>			x	Alimentação
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K. Schum.	Cupuçu	<i>Kupi hu</i>			x	Alimentação
Meliaceae						
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	<i>Andiro</i>			x	Medicinal
Myrtaceae						
<i>Eugenia brasiliana</i> (L.) Aubl.	Pitanga	<i>Iwa pitã</i>			x	Alimentação
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	<i>Wajaba</i>			x	Alimentação
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambo				x	Alimentação
Poaceae						
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Santa-maria	<i>Puirisa</i>			x	Cultura material
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-limão	<i>Limã ka'api</i>			x	medicinal
<i>Gynerium sagittatum</i> (Aubl.) P. Beauv.	Flecheira	<i>U'i-wa</i>			x	Cultura material
Rubiaceae						
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	<i>Caser</i>			x	Alimentação
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	<i>Jenipa</i>			x	Pintura corporal
Rutaceae						
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	<i>Narã</i>			x	Alimentação
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limão	<i>Limã</i>			x	Alimentação
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	<i>Tahari</i>			x	Alimentação
Solanaceae						
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate				x	Alimentação
<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta	<i>Ky'i</i>	Dedo-de-moça		x	Alimentação
			De cheiro		x	Alimentação
			Roxa		x	Alimentação
			Amarela		x	Alimentação



Tabela 2.

(Conclusão)

Nome científico (família/espécie)	Nome em português	Nome da espécie reconhecida pelos Ka'apor	Nome de variedades reconhecidas pelos Ka'apor	Ocasional nas roças novas / <i>kupixa/</i>	Presente nos quintais / <i>kura/</i>	Atividades/ contexto
Strelitziaceae						
<i>Phenakospermum guyannense</i> (A.Rich.) Endl. ex Miq.	Sororoca			x	x	Cultura material
Zingiberaceae						
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	<i>Marakatai</i>			x	Medicinal

Do total de 61 espécies cultivadas pelos Ka'apor nas roças e nos quintais, a maior parte, isto é, 40 espécies, está destinada à alimentação; seguem em importância numérica as destinadas à fabricação de cultura material e artesanato (dez espécies); continuam as plantas medicinais (cinco espécies); as plantas ictiotóxicas usadas para pescar (três espécies); as de uso na pintura corporal (duas espécies); outros usos (uma espécie). Chama a atenção o fato de encontrarmos poucas plantas cultivadas de uso medicinal, o que nos faz supor que a farmacopeia dos Ka'apor baseia-se em plantas não cultivadas, extraídas da floresta, mas até o momento não existem pesquisas que caracterizem este aspecto.

Por outro lado, os resultados dos levantamentos *in situ* mostram que os quintais (*kura*) são o espaço onde os Ka'apor cultivam maior diversidade de plantas (44 espécies), consolidando-se como laboratórios de experimentação de novas plantações, que vão se constituindo por meio de práticas cotidianas de plantio de sementes e mudas de espécies adquiridas, principalmente pelas mulheres, nas suas viagens às cidades vizinhas e nas visitas a outras aldeias. Desta maneira, pode-se argumentar que as mulheres Ka'apor assumem um papel importante na inovação hortícola e na manutenção da horticultura tradicional, dada sua participação ativa no processo hortícola, principalmente na plantação, nos cuidados com as plantas, na colheita dos produtos, no

processamento e na preparação de alimentos. Chernela (1997) também observou o papel inovador das mulheres Tukano na diversidade de mandiocas. Isso corrobora a afirmação de Gasché (2002), sobre o fato de que as intervenções das mulheres constituem o principal agente transformador da horticultura indígena entre os povos amazônicos.

PENSAMENTO E RITUAIS ASSOCIADOS À HORTICULTURA

No universo Ka'apor, a horticultura está associada a uma complexa "trama de significados" (Geertz, 2008), baseada em uma visão de mundo que é expressa em narrativas míticas e encenações, em cantos e práticas rituais relacionados com o ato de plantar, de colher os frutos, de socializar e de distribuir os produtos hortícolas, e no senso de propriedade relacionado às plantas cultivadas, entre outros fatores. Nesse sentido, a horticultura Ka'apor se insere em um contexto de significados no qual conhecimentos, práticas hortícolas e valores morais constituem um universo em constante transformação.

O mundo da horticultura Ka'apor abarca aspectos cosmológicos manifestos nas narrativas tradicionais que contam a origem de certas plantas cultivadas e estabelecem normas de comportamento que regulam as práticas hortícolas. A seguinte narrativa coletada na aldeia Xiepihurena contextualiza a origem das plantas cultivadas:



Morreu um velhinho, bem velhinho. Enterraram ele. O filho dele chorava por querer ver ele.

– Eu também vou me matar!

Ele trepou naquela escada de jabuti [árvore]. Ele chegou num caminho, ele seguiu esse caminho e chegou lá no lugar da mãe dele. A mãe dele tinha morrido há muito tempo já. Chegou lá e primeiro viu a mãe dele.

– O que tu vem fazer? A mãe dele perguntou.

– Eu vim atrás do meu pai. Meu pai morreu e eu vim me embora, eu queria me matar.

– Não, tu não podes vir agora, ainda tu tens muito tempo lá.

A mãe dele botou ele dentro de um quarto e deixou ele lá.

– Aqui tu vais ficar, não vais andar por aí, não, porque por aqui é muito perigoso.

Ele ainda não tinha morrido, não.

– Teu pai chegou aqui porque ele está muito velho, ele já criou os filhos dele. Teu pai não morreu, não, ele está aqui, só que tu não vais ver ele.

Ele não morreu não, ele olhava o pai dele. Estava cheio de terra as costas do pai dele.

– Vai se limpar! Ele diz para o pai

– Agora não, porque ele está de resguardo. De aqui a uns 15 dias ele vai se limpar. Tu não vais ver ele agora, não. Dizia a mãe dele.

– Tu vais voltar e vais criar todos teus filhos. Eles estão sentindo a tua falta. Quer ver? Escuta!

Quando ele escutava ele ouvia a esposa dele e os filhos chorando, pensando que o pai dele foi morrer para lá, foi morrer enforcado.

Ele foi ver o pai dele. Ele ficou cinco dias lá e depois a mãe dele veio deixar ele.

Ele trouxe banana, abacaxi, curauá, urucum, batata, é de lá que vem também. A mãe dele juntou tudo e falou: “tu vais levar só essas coisas contigo, as outras coisas tu não vais levar não”. A banana era tudo grandão.

– Mas esse de aqui tu não vais levar não, quando tu morrer tu vais vir e comer esse daqui. Esse daqui tu vais levar e vais plantar.

Foi dessa vez que veio o curauá, acho que dessa vez também veio o algodão. Por isso é que temos hoje abacaxi também, batata, pimenta também veio de lá (Mariuza Ka’apor, aldeia Xiepihu-rena, 2010).

Tal como acontece entre outros povos indígenas da Amazônia, por exemplo, entre os Mebêngôkre-Kayapó (Robert *et al.*, 2012), para o povo Ka’apor, segundo a sua cosmovisão, as plantas cultivadas têm sua origem fora da esfera onde habitam os seres humanos. Nesta narrativa, chama atenção a associação das plantas cultivadas com o lugar onde moram os mortos. Uma outra versão desta narrativa, coletada por Balée (1993, p. 152), associa algumas espécies introduzidas, tais como a melancia e algumas variedades de banana, ao mundo dos mortos.

Outra narrativa relaciona a horticultura Ka’apor com a cobra *maje*, jiboia que sai da barriga de uma moça, no tempo da coleta da castanha. Os irmãos da moça cortaram o rabo da cobra, nesse momento surge uma roça e uma menina, *Kūjā maje*, que cuida das roças:

Quando a moça foi apanhar castanha, o irmão [da moça] cortou o rabo da cobra. Nesse momento, fez muito vento, quebrou os paus e virou uma roça grande. O irmão pensou que os paus mataram a irmã. Mas, a cobra levou ela para o céu. O irmão foi lá queimar os paus para fazer uma roça para ele, mas a cobra já tinha queimado e plantado muita coisa: banana, batata, mandioca, macaxeira e cará.

O marido da moça, a cobra, estava capinando. O rabo que o irmão cortou virou uma menina muito bonita. A menina cantava a cantiga do milho: “o milho nasceu perto do pau”.

O irmão olhou a cobra e falou para a moça:

– Eu pensei que teu marido era gente – diz o irmão. Mesmo assim, ele falou com a cobra:

– Fui eu que cortei teu rabo para liberar minha irmã, mas não teve jeito, você levou ela.

– É verdade, você cortou meu rabo. Eu vou embora daqui, eu vou levar tua irmã e vou cuidar dela – a cobra respondeu.

– A roça vai ficar para vocês, eu já provei tudo e não vai fazer mal para vocês – continuou falando a cobra.



– Então, nós vamos ficar com essa roça – disse o irmão da moça.

A cobra diz para o cunhado:

– Se vocês fizerem roça e plantarem as frutas, não é para qualquer um comer. É só o dono que tem que comer primeiro. Se não for assim, vai acontecer do mesmo jeito que aconteceu com tua irmã.

Por isso, nós Ka'apor temos medo de comer as frutas da roça nova. É o dono da roça que tem que provar primeiro, para logo os outros comerem. Até hoje existe a cobra *Kūjā maje* no céu (narrativa de Mariuza Ka'apor) (López Garcés, 2011, p. 53).

Ao se referir às castanheiras, esta narrativa é um indicador de que antigamente os Ka'apor moravam

em um lugar de castanhais, possivelmente entre os rios Xingu e Tocantins, como a literatura antropológica assinala (Balée, 1993). Mas o que a narrativa traz ao nosso entendimento é que horticultura Ka'apor está sujeita a uma série de normas comportamentais e rituais que acompanham todas as etapas do processo hortícola, desde o plantio até a colheita dos produtos da roça. Esta narrativa mostra de forma clara os comportamentos estabelecidos e desejados que mediam o senso de propriedade dos produtos da roça na sociedade Ka'apor, ao mesmo tempo relacionados com uma ordem de seres que compartilham características humanas e não humanas, sendo agentes criadores de normas de comportamento social (Figura 2).



Figura 2. *Kūjā maje*. Desenho de Reila Tembé (Aldeia Xiepihū-rena, 2008).

No mundo da horticultura Ka'apor existem representações estéticas e práticas rituais associadas às plantas cultivadas. Na pesquisa, identificou-se a existência de cantos associados às plantas cultivadas, coletando em campo uma cantiga associada ao milho, interpretada por uma mulher no momento em que adentramos na sua roça nova. Isto leva a entender que a horticultura Ka'apor comporta também um conjunto de valores estéticos expressados na arte musical, sendo necessárias pesquisas sobre este aspecto, na interfase com estudos etnomusicológicos, seguindo o exemplo dos estudos efetuados por Aldé (Sustentando o cerrado..., 2013) sobre os cantos associados à horticultura entre os Kraho do cerrado.

Entre as plantas cultivadas pelos Ka'apor, o curauá (*kirawa*) (*Ananas erectifolius* L.B. Sm.), usado na elaboração de cultura material, requer especial atenção no ato da plantação; trata-se de uma prática ritual que deve ser observada caso se pretenda um bom crescimento das folhas desta planta, das quais se extrai uma fibra de grande resistência, usada na confecção da destacada arte plumária deste povo indígena e também na elaboração de artesanato (colares, pulseiras e brincos) destinado à venda; é conhecida também como “planta corda” (Balée, 1993), já que serve para fazer cordas para amarrar e laçar. Desta planta, os Ka'apor distinguem duas variedades: *kirawa howi*, de folhas verdes, chamado também “kirawa da cidade”, pelo fato de ser cultivado principalmente pelos não indígenas (*karaí*), e o *kirawa pitang*, ou curauá vermelho, devido à coloração das folhas, de uso tradicional entre os Ka'apor e considerado de maior resistência (Araújo, 2013).

A plantação do *kirawa* é feita por mudas ou pequenas plântulas retiradas de uma plantação anterior, as quais são levadas aos novos campos de cultivo, seja nas roças ou nos quintais, onde são plantadas somente pelos homens, utilizando um arco de madeira de ipê ou de pau-brasil – objeto da cultura material somente usado pelos homens na caça e na guerra –, no momento de plantar a muda no buraco feito na terra com a draga. O uso do arco no momento da plantação do curauá (Figura 3) confere à



Figura 3. Plantação de curauá com arco. Foto: Claudia López.

planta a capacidade de se desenvolver com um bom comprimento, característica desejada, dado que se requer extrair uma boa fibra das folhas. Já no processo de extração da fibra, podem participar tanto homens quanto mulheres.

Com base nestas considerações, pode-se arguir que a horticultura Ka'apor constitui um complexo de representações cosmológicas, conhecimentos e práticas hortícolas e rituais, valores éticos e estéticos que vêm se consolidando e modificando historicamente, de acordo com as conjunturas sociais, econômicas e políticas que este povo indígena tem vivenciado ao longo do tempo.

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA HORTICULTURA KA'APOR: MUDANÇAS CONTEMPORÂNEAS

No transcorrer da pesquisa, observou-se que as práticas hortícolas dos Ka'apor correspondem, em aspectos

como cultivos predominantes e associações de espécies, às práticas tradicionais já descritas por Ribeiro (1976) e Balée e Gély (1989a), não sendo interpeladas pela intervenção de novos saberes e práticas promovidos por Organizações Não Governamentais (ONG), agências de desenvolvimento, instituições de pesquisa agropecuária etc. Não obstante, observam-se mudanças no que se refere às formas de organização do trabalho hortícola, devido a influência de maior circulação de dinheiro, até alguns anos atrás relacionada à atividade de exploração madeireira, mas principalmente ao incentivo das políticas públicas, por meio de programas sociais, como o Bolsa Família, que o governo federal proporciona às famílias brasileiras consideradas de escassos recursos (categoria em que são inseridas as famílias indígenas) e as aposentadorias.

Os processos de exploração ilegal de madeira na Terra Indígena Alto Turiaçu, por parte de atores não indígenas (*karai*), têm sido cíclicos, mas constantes nesta região desde a década de 1980, quando foi demarcada. No transcorrer do século XXI, o povo Ka'apor tem vivenciado uma das mais fortes arremetidas por parte de madeireiros que, utilizando-se de diversas estratégias, como o roubo de madeira das áreas mais isoladas até a cooptação de lideranças indígenas e negociações fraudulentas com as comunidades, têm adentrado na Terra Indígena para explorar ilegalmente as madeiras nobres da floresta.

Por outro lado, a maior circulação de renda nas aldeias Ka'apor, por meio dos salários dos indígenas que trabalham no serviço público (professores indígenas, agentes indígenas de saúde, merendeiras, funcionários da FUNAI) e de políticas públicas, a exemplo das aposentadorias para os trabalhadores rurais e do programa Bolsa Família, assim como as novas formas de organização sociopolítica caracterizadas pela influência do associativismo como forma organizativa cada vez mais frequente entre os povos indígenas, vem ocasionando mudanças nas formas de organização do trabalho hortícola. Vejamos isso em detalhe.

Na forma tradicional de organização do trabalho hortícola entre os Ka'apor, cada família nuclear faz os

trabalhos de abertura de uma nova roça, apelando à prática da ajuda mútua (*jaho ahu*), a qual se insere no sistema de reciprocidade, entendido, nos termos de Mauss (1981 [1923], p.362), como a “obrigação de dar e retribuir presentes, característica de todas as sociedades humanas”. Esta discussão é referendada por Sabourin (2000, p. 3), na sua análise das relações de reciprocidade e trocas em comunidades camponesas do Nordeste (Brasil), arguindo que “a lógica do sistema de reciprocidade considera não só a produção exclusiva de valores de uso ou de bens coletivos, mas também a criação do ser, da sociabilidade” (tradução da autora). Com efeito, o processo de abertura de uma nova roça é realizado por meio do sistema de reciprocidade, sendo que o presente ou o dom é, neste caso, a força de trabalho no ‘mutirão’ ou no trabalho comunitário, atividade em que também são reforçadas e/ou ampliadas as relações sociais e afetivas (parentesco, amizade, compadrio). Percebe-se a divisão do trabalho por gênero: os homens dedicam-se ao trabalho de cortar as árvores para abrir a clareira na floresta, usando uma motosserra, as mulheres ocasionalmente ajudam na limpeza da clareira e preparam a comida que será servida aos participantes do mutirão. Em troca, o dono da roça aberta compromete-se a ajudar a todas as pessoas que colaboraram no trabalho.

Na aldeia Xiepihu-rena, percebem-se mudanças relacionadas às formas de organização do trabalho e na maneira como opera o trabalho agrícola. De um lado, devido à maior circulação de renda, o trabalho de ajuda mútua na abertura da roça está sendo substituído pelo pagamento de diárias a trabalhadores indígenas e não indígenas, contratados unicamente para este trabalho de abertura de roças na floresta. Esta modalidade opera entre as famílias que possuem maiores rendas, seja porque algum dos seus membros possui um emprego e salário, seja porque recebe aposentadoria.

Outra mudança na forma de organização do trabalho agrícola percebida nas aldeias Xiepihum-rena e Paracui-rena é a abertura de grandes roças por parte de famílias extensas

(um casal de meia idade e as famílias dos seus filhos e filhas casados que moram na mesma aldeia), a fim de juntar a renda necessária para pagar os trabalhadores indígenas e não indígenas que fazem o trabalho de abertura da roça.

O surgimento conjuntural de novas formas de organização de caráter associativo, como foi o caso da Associação das Mulheres Artesãs nas aldeias Xiepihum-rena e Paracui-rena, motivou a abertura de uma grande roça comunitária, com pagamento de diárias a trabalhadores não indígenas, para plantação de mandioca, que, uma vez pronta para a colheita, foi vendida a uma pessoa que chegou na aldeia com um caminhão para colher a produção. Foi este o único caso de produção hortícola para comercialização, pois esta atividade entre os Ka'apor é destinada principalmente ao autoconsumo.

Não obstante estas mudanças nas formas de organização do trabalho hortícola, ocasionadas pela maior circulação de renda nas aldeias, longe de suscitar o desmoronamento das práticas hortícolas tradicionais, como poderia se esperar, devido ao maior poder aquisitivo e acesso a recursos industrializados, parecem ter redundado no fortalecimento das práticas hortícolas dos Ka'apor, incentivando a abertura de roças maiores e a continuidade das práticas tradicionais de policultivos para autoconsumo. Os recursos monetários que hoje circulam em maior quantidade nas aldeias Ka'apor incentivam a abertura de maiores campos de cultivo por meio do intercâmbio de força de trabalho por dinheiro, mantendo, assim, a tradição hortícola característica deste povo.

Sobre a diferença entre intercâmbio e reciprocidade, Temple (1999 *apud* Sabourin, 2000, p. 3) afirma que “a operação de intercâmbio corresponde a uma permuta de objetos, enquanto a estrutura de reciprocidade constitui uma relação reversível entre sujeitos” (tradução da autora). Nesse sentido, entre os Ka'apor coexistem ambas práticas porquanto o sistema de reciprocidade se evidencia em outros aspectos do processo de produção hortícola, por exemplo, na distribuição de produtos da roça na época das colheitas; no processo de produção de farinha baseado

na ajuda mútua entre famílias, inclusive de outras aldeias; nas formas de sociabilidade estabelecidas com ocasião das festas e comemorações (festa do cauim, mingau de moça nova etc.).

Nesta ordem de ideias, as práticas hortícolas contemporâneas dos Ka'apor estão permeadas pelos conhecimentos e hábitos ancestrais, mas também, como afirma Escobar (1999, p. 299), refletem o fato de que “os modelos locais não estão isolados, eles estão em contato com modelos modernos de natureza e economia que os influencia” (tradução da autora) e, nesse sentido, abrem-se para formas de organização do trabalho hortícola baseadas no sistema de troca de força de trabalho por dinheiro, sem que isso signifique que a horticultura Ka'apor tenha entrado no sistema de produção capitalista. Pelo contrário, estamos perante um caso em que a maior circulação de dinheiro está sendo direcionada para o fortalecimento dos conhecimentos e práticas hortícolas ancestrais.

CONCLUSÕES

Ao fazer um balanço comparativo da horticultura Ka'apor ao longo do tempo, em termos da diversidade de plantas cultivadas, encontramos que, segundo os estudos efetuados por Darcy Ribeiro, os Ka'apor cultivavam em torno de 28 plantas na década de 1950 (Ribeiro, 1976, p. 32). As pesquisas de Balée e Gély, na década de 1980, reportam uma estimativa de 56 espécies observadas nas roças novas e quintais, das quais 28 são plantadas pelos Ka'apor (Balée e Gély, 1989a, p. 133). Os levantamentos nas roças novas (*kupixa*) e quintais (*kura*) efetuados no transcurso desta pesquisa arrojam um número de 61 espécies diferentes encontradas nestes espaços de cultivo, as quais podem ser consideradas como pertencentes à categoria “biodiversidade domesticada” (Gasché, 2002), porquanto são objeto de manejo por parte dos Ka'apor, seja pelo fato de serem plantadas ou pelo fato de “deixar crescer”. Todas estas espécies são apropriadas pelos Ka'apor em termos das diversas interações, usos e significados.

Se considerarmos estes resultados numéricos sobre biodiversidade domesticada em perspectiva histórica comparada, encontramos que, ao invés de perdas, percebe-se um contínuo aumento do número de espécies de plantas cultivadas pelos Ka'apor ao longo do tempo. Este aumento deve-se, entre outros fatores, à obtenção de novas espécies antes não cultivadas, aspecto em que, como já observado por Gasché (2002), as mulheres indígenas têm um importante papel. De fato, na aldeia Xie constatou-se que as mulheres são as principais motivadoras das inovações hortícolas, por meio da obtenção de sementes e mudas em aldeias indígenas e cidades vizinhas.

O maior incremento de plantas cultivadas se percebe na categoria plantas alimentícias (frutíferas), cultivadas principalmente nos quintais (*kura*), bem como a de plantas usadas na elaboração de cultura material e artesanato, o que constata a importância sociocultural que esta atividade tem na forma de vida do povo Ka'apor, conduzindo-o a interagir com novas espécies de plantas consideradas importantes para este propósito. Ressalte-se também o fato de o maior incremento de plantas alimentícias cultivadas ser uma clara evidência de que os Ka'apor, até o presente, estão conseguindo manter a sua segurança alimentar, complementada também com a grande diversidade de frutos coletados na floresta que não fizeram parte deste estudo. Este aspecto deve ser aprofundado em futuras pesquisas.

Porém, se fizermos comparações em termos das espécies cultivadas, perceberemos a ausência contemporânea de algumas espécies que no passado teriam sido importantes para os Ka'apor, tais como a priprioca (*Killingia* sp.), reportada por Ribeiro (1976), plantas alimentícias, como o amendoim (*Arachis hypogaea* L.) e o maxixe (*Cucumis anguria* L.), e o tabaco (*Nicotiana tabacum* L.), de uso medicinal e ritual, reportados nos levantamentos efetuados pelos dois autores. Faz-se necessário que sejam realizados levantamentos de plantas cultivadas em outras aldeias Ka'apor para constatar se, de fato, estas espécies não são mais cultivadas por este povo.

Por outro lado e seguindo as recomendações de Escobar (1999, p. 299), segundo as quais as formas de uso-significado do entorno devem ser contextualizadas etnograficamente com as formas de poder que as afetam e em relação com as forças globais em que se inserem (tradução da autora), pode-se constatar que, na conjuntura atual caracterizada pela invasão, conflitos violentos e exploração ilegal de madeira no território dos Ka'apor, a abertura de novas roças e quintais que acompanha a criação de novas aldeias contextualiza-se dentro dos processos de ocupação e defesa do território por parte dos Ka'apor. Nesse sentido, queremos chamar a atenção sobre o transfundo sociopolítico que a horticultura dos Ka'apor adquire nessa conjuntura atual, constituindo-se como um instrumento eficiente de reconstrução territorial e defesa dos direitos coletivos deste povo indígena.

Finalmente, esta aproximação antropológica ao mundo da horticultura Ka'apor possibilita entender este importante aspecto no estilo de vida deste povo indígena como um rico e complexo mundo, expresso em práticas, representações e significados, cujo entendimento e compreensão não se esgotam no conteúdo deste artigo. Além de constituir uma atividade fundamental dentro do conjunto de práticas econômicas das quais derivam seu sustento, a horticultura Ka'apor está inserida em uma complexa trama de representações simbólicas e práticas rituais, valores morais e estéticos contextualizados na sua forma específica de visão de mundo. A horticultura Ka'apor vai se transformando de acordo com as situações econômicas e sociopolíticas contemporâneas, aspectos que fazem da horticultura deste povo indígena um fator sociocultural complexo, vivo e em constante transformação.

AGRADECIMENTOS

Ao povo indígena Ka'apor, principalmente aos que moram na aldeia Xiepihum-rena, por ter me permitido interagir em seu cotidiano. Agradeço especialmente a Valdemar Ka'apor e Lucineia Tembé, Mariuza Ka'apor, Teon Ka'apor e Elizete Tembé, pelas longas conversas e visitas às roças. À

Márlia Coelho-Ferreira, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, pela colaboração na revisão dos nomes científicos neste texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B. B.; SHIRAIISHI NETO, J.; MARTINS, C. C. **Guerra ecológica nos babaçuais**: o processo de devastação dos palmeirais, a elevação de preço dos commodities e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia. São Luís: MIQCB/Balaios Typographia Editora, 2005.

ARAÚJO, Marluce Oliveira de. **Mulheres artesãs Ka'apor**: uma prática de sustentabilidade no uso da biodiversidade. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

BALÉE, William. Indigenous Corporations and Applied Historical Ecology in Brazilian Amazonia. In: RIVAL, Laura (Org.). **Symposium Ecological Threats and New Promises of Sustainability for the 21st Century**. Queen Elizabeth House, 50th Anniversary Conference, 3-5 July 2005 Oxford, UK,. 17p. (impressão do trabalho cedida pelo autor).

BALÉE, William. **Footprints of the Forest**: Ka'apor Ethnobotany - the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people. New York: Columbia University Press, 1993.

BALÉE, William; GÉLY, Anne. Managed forest succession in Amazonia: the Ka'apor case. In: POSEY, Darrell; BALÉE, William (Eds.). **Resource management in Amazonia**: indigenous and folk strategies. New York: The New York Botanical Garden, 1989a. (Advances in Economic Botany, v. 7).

BALÉE, William. Nomenclatural patterns in Ka'apor ethnobotany. **Journal of Ethnobiology**, Tacoma, v. 9, n. 1, p. 1-24, 1989b.

CHERNELA, Janet. Os cultivares de mandioca na área do Uaupés (Tukáno). In: RIBEIRO, Berta G. (Ed.). **Suma etnológica brasileira**. Belém: Editora Universitária UFPA, 1997. p. 171-180.

ESCOBAR, Arturo. **El final del salvaje**: naturaleza cultura y política en la antropología contemporánea. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 1999.

FERREIRA, L. V.; VENTICINQUE, E.; ALMEIDA, S. O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 157-185, 2005.

GASCHÉ, Jürg. Agricultura vs. horticultura, campesino vs. bosquesino. Balance y proyección. **Folia Amazónica**, v. 17, n. 1-2, p. 65-73, 2010.

GASCHÉ, Jürg. Biodiversidad domesticada y manejo hortico-forestal en pueblos indígenas de la Amazonía. **Revista Agroforestal de las Américas**, v. 8, n. 32, p. 28-34, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor. La lucha es de derecho, no es a garrotazos: conflictos territoriales, usos y significados de los recursos maderables en la tierra indígena Alto Turiaçu – MA (Brasil). **Autrepart. Revue de Sciences Sociales au Sud**. Paris: Institut de recherche pour le développement –IRD, 2016, No prelo.

LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor; GONZÁLEZ-PÉREZ, Sol Elizabeth; SILVA, Juliano Almeida da; ARAÚJO, Marluce Oliveira de; COELHO-FERREIRA, Márlia. Objetos indígenas para o mercado: produção, intercâmbio, comércio e suas transformações. Experiências Ka'apor e Mebêngôkre-Kayapó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 3, p. 659-680, 2015.

LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor (Org.). **Ka'apor ma'e panu ha ke**: a palavra dos moradores da mata: narrativas tradicionais do povo indígena Ka'apor. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011.

MARTINS, Marlúcia; OLIVEIRA, Tadeo Gomes de (Eds.). **Amazônia maranhense**: diversidade e conservação. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011.

MAUSS, Marcel. Dom, contrato e troca. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981 [1920]. p. 351-372.

MOURA, Walter Cabral de; FUKUDA, Juliana Cristina; LISBOA, Evane Alves; GOMES, Beatriz Nascimento; OLIVEIRA, Sérgio Lisboa; SANTOS, Marluze Pastor; CARVALHO, Adriana Soares de; MARTINS, Marlúcia Bonifacio. A Reserva Biológica do Gurupi como instrumento de conservação da natureza na Amazônia Oriental. In: MARTINS, Marlúcia; OLIVEIRA, Tadeo Gomes de (Eds.). **Amazônia maranhense**: diversidade e conservação. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011. p. 25-34.

NOGUEIRA, Antônia F.; SANTOS, Elizabeth da Silva. Observações sobre o uso atual da ortografia Ka'apor. In: LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor (Org.). **Ka'apor ma'e panu ha ke**: a palavra dos moradores da mata: narrativas tradicionais do povo indígena Ka'apor. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011. p. 9-13.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios**. Os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Darcy. Os índios Urubus: ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical. In: SCHADEN, Egon (Ed.). **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 23-46.

ROBERT, Pascale de; LÓPEZ GARCÉS, Claudia; LAQUES, Anne Elisabeth; COELHO-FERREIRA, Márlia. A beleza das roças: agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempos de globalização. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 2, p. 339-369, 2012.



SABOURIN, Eric. Reciprocidad e intercambio en comunidades campesinas del Nordeste: Massaroca (Bahía, Brasil). **Revista Iberoamericana de Autogestión y Acción Comunal**, Madrid, v. 35-36-37, p. 101-112, 2000. Disponível em: <<http://www.jornaldomauss.org/periodico/?tag=eric-sabourin>>. Acesso em: 7 fev. 2016.

SOLARTE, Benhur Cerón. **El manejo indígena de la selva pluvial tropical**. Orientaciones para un desarrollo sostenido. Quito: Ediciones ABYA-YALA, 1991.

SUSTENTANDO O CERRADO na respiração do Maracá: conversas com os Mestres Krahô. Direção de Veronica Aldè. Goiânia: Produção independente, 2013. 1 DVD (30 min).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

ZENT, Stanford; ZENT, Egleé. Jodi horticultural belief, knowledge and practice: incipient or integral cultivation? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 2, p. 293-338, 2012.